



ZEQUINHA, O RENASCIMENTO DE UM ÍCONE PARANAENSE

ROBSON KRIEGER

A história deste personagem nos acompanha desde o ano de 1929, quando Curitiba possuía apenas 75 mil habitantes.

Foi através de uma viagem ao estado de São Paulo que Francisco Sobania estabeleceu contato com a primeira coleção de figurinhas. Voltou a Curitiba e relatou à sua família a ideia de imprimir uma edição de figurinhas autenticamente paranaense.

Então, logo ali na Rua Nunes Machado, Centro de Curitiba, nascia um personagem realmente nosso. Chamava-se Zequinha.

Rapidamente caiu no gosto das crianças, pois a tal coleção de figurinhas tinha a função de proteger as balas produzidas pela fábrica *A Brandina*, de propriedade dos irmãos Sobania.

Desta forma, o Zequinha tornou-se um fator de integração da população paranaense, pois movimentou a economia do estado, estabeleceu um novo relacionamento entre as pessoas, trouxe a interação entre as crianças e criou o primeiro personagem paranaense de fato.

A primeira coleção de figurinhas tinha inicialmente 30 cromos impressos de forma litográfica; e chegou a 200 imagens nos anos de 1960, quando teve a sua última tiragem.

Por quase 20 anos o nosso Zequinha ficou adormecido. Então, por encanto, a equipe do governador Ney Braga, no ano de 1979, em conjunto com a agência de publicidade P.A.Z. contrata um dos nossos mais reconhecidos artistas plásticos, chamado Nilson Müller, para reviver o nosso ícone paranaense.

A solução encontrada foi a edição de um álbum de figurinhas, onde Nilson pôde recriar 200 novas estampas. Desta forma, o Zequinha adquire um traço único. Podemos dizer que o personagem encontra um pai a partir deste momento.

O sucesso da campanha foi imediato e a tiragem dos álbuns alcança 600 mil cópias, um fato impressionante para a época. A proposta do Estado era a troca de figurinhas

por notas fiscais para estimular a arrecadação de impostos.

Neste ano de 2021, o nosso querido Nilson, o Vovô Zequinha, completa 80 anos de idade, e uma justa homenagem seria o renascimento do seu amigo Zequinha, o qual fez parte da sua vida artística.

Sendo assim, vamos dar uma boa notícia a todos os amigos do Zequinha: através da parceria com o novo portal de vendas pela internet chamado Sambahy Express, ele está renascendo. Além disso, teremos também uma loja no Centro Histórico de Curitiba com produtos da marca Zequinha.

O mais importante é ter a oportunidade de reviver o personagem, mostrar para os nossos filhos, ensiná-los a brincar de bafo, colecionar as tais figurinhas difíceis e aproximar a família. Enfim, conviver com o autêntico personagem paranaense chamado Zequinha.

É a verdadeira alma paranaense. **!**

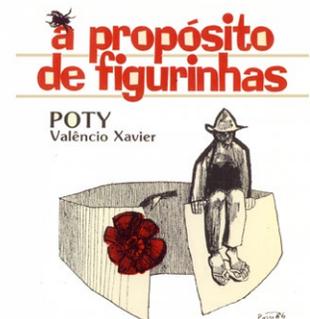
FIGURINHAS E O SABOR DA DOCE INFÂNCIA

DOS EDITORES

As Balas Zequinha atravessaram gerações e fizeram parte do imaginário de crianças e adultos de Curitiba por mais de 60 anos. Foram cantadas no samba-enredo da Embaixadores da Alegria, escola campeã do carnaval curitibano de 1992, citadas por Dalton Trevisan no conto *Em busca da Curitiba perdida* e recriadas em versos e desenhos pelo historiador Valêncio Xavier e pelo artista Poty Lazarotto no livro *A propósito das figurinhas*. Agora o personagem emerge para retomar o seu protagonismo como ícone da cultura e história curitibana.

Para um século atrás, foi uma jogada de marketing invejável o uso das figurinhas para promover as balas de açúcar misturadas à essência de frutas, da fábrica *A Brandina*, da família polonesa Sobania (os irmãos Francisco, João, Antônio e Eduardo, tios do médico e professor Luiz Carlos Sobania). E olha que encontrou concorrentes fortes na época, como as balas Maria Fumaça, desenhadas por Alceu Chichorro; as Bandeirantes, com figurinhas de bandeiras de vários países; a Caramelo Aéreo-Lloyd, figurinhas que coladas em ordem, em uma folha de cartolina, formavam o desenho de um avião; e as Pastilhas Zoológicas, com animais desenhados.

Todas tiveram algum sucesso nos anos 1930, mas nenhuma a ponto de suplantarem o caricato do Zequinha (então grafado Zéquinha), que teria sido inspirado no palhaço Piolin, nome artístico de Aberlardo Pinto, um



dos mais afamados artistas circenses da época. Aliás, o Dia Nacional do Circo, 27 de março, foi instituído em homenagem a ele, no dia do seu aniversário de nascimento, em 1972. Curiosamente, no ano seguinte, Piolin morreu de insuficiência cardíaca, depois de se engasgar com uma bala.

Desde a versão original, iniciada pelo artista Alberto Thiele (1899-1972), passando por Paulo Carlos Rohrbach (litogravuras do número 51 a 200) até os demais, o palhaço Zequinha era caracterizado como um homem baixo, carequinha, sobrancelhas afiladas, de nariz bulboso, e linhas de expressão, com boca enorme desenhada pela maquiagem. Na maioria das vezes, surgia usando colarinho branco com gravata borboleta e sapatos tipo lancha, pontiagudos e com os bicos virados para cima. Era retratado em diferentes atividades, profissões, lugares e com as mais variadas emoções. No começo, era colocado em desafio aos costumes, mas com o tempo foi “ganhando” juízo. Controverso ou não,

Valêncio Xavier (1933-2008) foi um expert quando se tratava de Balas Zequinha. Além do livro em parceria com Poty, lançado em 1986 pelo Studio R Krieger e que fazia

releitura de 30 estampas, o escritor e historiador escreveu diversos artigos e boletins sobre o tema, inclusive no jornal cultural *O Nicolau*. Numa entrevista de 1989, Xavier registrou que “não existe nada mais curitibano que Dalton Trevisan e a Bala Zequinha”. Na jornada com os mais diferentes “pais”, o mais curitibano de todos os piás continua vivo, agora vovô, sob a guarda do destro Nilson Müller.

Como autor dos desenhos, Müller conseguiu ficar com os direitos de uso do personagem, por não mais haver o domínio. Ele revisou as 200 figurinhas antigas para fazer o álbum e os souvenirs como caneca e camisa. E desenhou outras 208 com as mesmas características do personagem, mas em novas situações, trabalhos e lugares. “Desta vez colocamos o Zequinha no mundo”, contou o artista logo após o lançamento. Alguns dos lugares em que Zequinha aparece são marcos turísticos curitibanos, como o Museu Oscar Niemeyer, o Paranaense e a Casa Alfredo Andersen, neste um tributo ao artista, pois Müller foi um dos discípulos de Thorstein Anderson, filho de Alfredo e que deu sequência ao seu legado e criação do espaço. **❶**

EM BUSCA DE CURITIBA PERDIDA

(Dalton Trevisan)

*Dos teus lambrequins
De ouro, das tuas cem
figurinhas de bala
Zequinha, do teu
bebedouro de pangarés,
a gente perguntará:
Que fim levaram?*

QUEM É NILSON MÜLLER

Nilson Müller é “Bicho do Paraná”. Desenha desde criança. Aos 12 anos, conheceu Guido Viaro no Centro Juvenil de Artes Plásticas e logo depois foi convidado a frequentar espaço na Escola de Belas Artes, onde teve a oportunidade de estudar desenho, pintura, xilogravura



e modelagem com Oswald Lopes. A partir dos 14 anos, passou a receber orientação de Thorsten Andersen.

Das atividades iniciadas em 1958, é ilustrador, artista plástico, mentor e professor de desenho e pintura, tendo renome internacional. Seu vasto currículo inclui trabalhos para grandes agências de publicidade, cenografia, galerias de arte, ilustrações em livros, quadrinhos, revistas, reproduções, cursos e aulas, entre outros, utilizando as mais variadas técnicas, incluindo arte digital.

Recebeu muitos prêmios em pintura, incluindo Salão Paranaense e Salão dos Novos da Biblioteca Pública. Produziu histórias em quadrinhos, foi o criador do personagem Zé Gotinha e das figurinhas do Zequinha para a campanha do ICMS no Paraná em 1979. Foi o primeiro cenógrafo de televisão do Paraná e possui uma sala em sua homenagem na Gibiteca, em Curitiba.

Saiba mais em: www.nilsonmuller.com.br

